

Resumo

Este artigo versa sobre as relações políticas entre Brasil e EUA em um período amplo, de 1940 até 1965, com destaque para a ação estrangeira no Brasil nos anos na década de 1950. A partir de imagens encontradas no suplemento “Singra”, publicado junto ao jornal capixaba A Gazeta, foi possível identificar a ação da United States Information Agency (USIA), agência secreta de acompanhamento da opinião pública brasileira e de produção de conteúdo em imagens, textos, matérias e materiais audiovisuais. Com amparo nos estudos de Fernando Santomauro (2015) sobre a USIA e de posse de imagens encontradas no Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES) foi empreendida uma análise da imagem com auxílio da abordagem de Peter Burke (2004), o que permitiu encontrar uma propaganda estadunidense anticomunista e identificar a forma como ela foi elaborada para construir uma imagem do inimigo sobre a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e sobre os comunistas brasileiros. De posse de tais informações e análises foi possível diferenciar as conjunturas que se configuraram desde 1940 até 1965 no que diz respeito à intervenção dos EUA na política brasileira e destacar a presença e as características da propaganda anticomunista no Brasil, com foco para a sua presença no Espírito Santo, o que permitiu mensurar as ações secretas estadunidenses no Brasil antes e depois do governo de Dwight Eisenhower (1953-1961).

Palavras-chave: APEES; A Gazeta; Singra; USIA; anticomunismo.

Abstract

This article deals with the political relations between Brazil and USA in a long period, from 1940 to 1965, however, with emphasis on the Brazilian action in Brazil in the years in the 1950s. From images found in the supplement “Singra”, published with the capixaba newspaper A Gazeta, it was possible to identify the action of United States Information Agency (USIA), a secret agency of monitoring the Brazilian public opinion and production of content in images, texts, audiovisual materials and materials in the state of Espírito Santo. Based on studies by Fernando Santomauro (2015) on USIA and possession of images found in the State Public Archive of Espírito Santo (APEES), an analysis of the image was undertaken with the help of Peter Burke's approach (2004), which allowed us to find anti-communist propaganda and to identify the way in which it was designed to build an image of the enemy on the Union of Soviet Socialist Republics (USSR) and on Brazilian communists. In possession of such information and analysis it was possible to differentiate the junctures that were configured since 1940 to 1965 with regard to the USA intervention in Brazilian politics and contrast the presence and the characteristics of anti-communism advertisement in Brazil, with emphasis on its presence in Espírito Santo, which made it possible to measure US secret actions in Brazil before and after the government of Dwight Eisenhower (1953-1961).

Keywords: APEES; A Gazeta; Singra; USIA; anti-communism.

Introdução

Esse artigo é dedicado ao período em que os EUA criaram uma agência secreta, sob o governo de Eisenhower, para captar informações sobre a opinião política dos brasileiros, além de produzir conteúdo e influenciar a esfera pública do Brasil. Essa produção foi feita por meio da construção de imagens daqueles que seriam considerados amigos e daqueles que seriam identificados como inimigos dos estadunidenses. No contexto da Guerra Fria e do surto da retórica anticomunista nos EUA, o Brasil recebeu materiais produzidos pela agência de informações do seu vizinho para reforçar a influência estadunidense no país (SANTOMAURO, 2015).

A Gazeta, jornal capixaba fundado em 1928, se tornou propriedade de Carlos Lindenberg, em 1948, momento em que ele era governador do Espírito Santo. A partir de então, o diário passou a fazer a defesa dos interesses do grupo do político. Um suplemento especial ao jornal foi publicado em A Gazeta, em 1955 e 1956, intitulado Singra, atualmente disponibilizado no Arquivo Público do Estado do Espírito Santo juntamente à coleção do jornal. A partir desses documentos foi possível analisar a presença da propaganda anticomunista estadunidense no Brasil e indicar a construção do inimigo realizado pela United States Information Agency (USIA). A partir da análise dos dados foi possível indicar que A Gazeta e seu dono, Carlos Lindenberg, eram simpatizantes e foram colaboradores espontâneos da propaganda anticomunista no Brasil e no Espírito Santo. Desse modo, é possível indicar a aderência de setores civis ao anticomunismo.

Os estudos sobre as relações entre Brasil e EUA tem uma grande bibliografia produzida, unindo ou separando áreas como a economia, a cultura, a sociedade e a política. Os estudos históricos sobre a relações entre os dois países se dedicam ao período em que a aproximação político-econômico-cultural cresceu, especialmente nos períodos conhecidos como Entre Guerras; 2ª Guerra Mundial e Guerra Fria.

Desse modo, o artigo está estruturado da seguinte maneira. Na primeira seção foi feito um levantamento bibliográfico acerca das relações entre Brasil e EUA no período de 1936 até 1964. A segunda seção foi dedicada à USIA e a sua estruturação nos EUA, assim como escopo e estrutura no Brasil. Na terceira seção foi abordada a presença da USIA no Espírito Santo, em A Gazeta, acompanhada pela conclusão.

As relações entre Brasil e EUA em revista: Literatura bibliográfica

Antônio Pedro Tota (2000) indicou que as relações diplomáticas entre o Brasil e os EUA se desenvolveram desde 1936. O Governo Roosevelt (1933-1945) e o governo Vargas (1930-1945) efeturaram contatos, e o governo estadunidense procurou se aproximar e conquistar influência junto ao governo brasileiro. A política da “boa vizinhança” substituiu aquela do “big stick”, e a narrativa da “solidariedade continental” versus influências externas nas Américas foi entoada pelos estadunidenses. Pouco tempo depois, no Brasil, foi instalado o *Office of Inter-American Affairs*, no Rio de Janeiro, posteriormente chamado de *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*. Roosevelt acionou um representante do capital privado, Nelson Rockefeller, para cumprir a missão de promover a aproximação cultural entre o Brasil e os EUA.

Nesse esforço, a liderança empresarial fez movimentações para que artistas brasileiros visitassem os EUA e para que artistas estadunidenses visitassem o Brasil, de modo a reforçar a narrativa de entrelaçamento cultural entre os dois países. Com a anuência de Lourival Fontes, chefe do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do governo Vargas, Walt Disney veio ao Brasil e produziu a figura do malandro, Zé Carioca, uma versão caricata do brasileiro produzida pelo artista. Orson Welles, importante cineasta, também veio ao país para apresentar e produzir películas. Nesse contexto, a figura de Carmem Miranda se fez presente no *The Museum of Modern*

Art (MOMA), nos EUA, de modo a apresentar o que se elencou como cultura da “brasildade” (TOTA, 2000).

Desse modo, Tota (2000) defendeu que houve um processo de sedução do Brasil pelos EUA pela via cultural, ou seja, por meio da disseminação da cultura e do modo de viver estadunidense no Brasil. O autor chamou esse processo de *imperialismo sedutor*, processo aceito “sob condição” pelo Brasil. Essa configuração se deu pelo fato de o Brasil ter interesses mais profundos com o estabelecimento dessas relações, como a obtenção de empréstimos e armas estadunidenses para edificar a indústria nacional e fortalecer as forças armadas. O *Office* ou “Birô” de Rockefeller organizou os recursos dos EUA no Brasil para a mobilização de guerra, como, por exemplo, na orquestração das companhias presentes no Brasil na produção da propaganda de guerra por meio de publicidade. Em 1945 as atividades do *Office of the Coordinator* foram encerradas no Brasil (TOTA, 2000).

Neil Lochery (2015) produziu um importante estudo sobre as relações entre os dois países, indicando a estratégia política adotada pelo governo Vargas para obter recursos de empréstimos para a construção de indústrias e para a obtenção de armas para o exército brasileiro. A posição geográfica do país, que tem no Rio Grande do Norte o ponto da América do Sul mais próximo do norte da África gerou preocupações dos EUA, haja vista que o território africano estava sob controle dos fascistas italianos. Desse modo, uma tentativa de inserção alemã na América do Sul poderia se dar por esse caminho. Além disso, existiam simpatizantes do nazifascismo no Brasil, descendentes de imigrantes italianos e alemães (LOCHERY, 2015).

Getúlio Vargas, então, utilizou a estratégia da neutralidade na guerra e procurou barganhar o seu apoio, tanto com a Alemanha quanto com os EUA. Nesse momento, a aposta mais alta veio da América do Norte e o governo Roosevelt viabilizou os empréstimos desejados pelo governo brasileiro, que, a partir disso, construiu a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em Volta Redonda (RJ), no ano de 1941; a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), em Vitória (ES), no

ano de 1942, e a Fábrica Nacional de Motores (FNM), em Xerém (RJ), em 1943. Essas indústrias foram os “frutos da guerra” para o Brasil, que tentou se alinhar às potências ocidentais para conquistar recursos no após guerra (LOCHERY, 2015).

Fazendo uso do conceito de *Soft Power* de Joseph Nye (2004), os EUA exerceram um poder brando, da atração sem ameaça ou intervenção armada no Brasil até 1945. A disseminação da cultura e a aproximação político-econômica se deu em negociações realizadas “por cima” entre os dois países. Entretanto, antes mesmo do fim da guerra, houve uma movimentação da oposição de Vargas para a retomada do poder, o que culminou com o golpe de outubro de 1945, articulado entre o brigadeiro Eduardo Gomes, da União Democrática Nacional (UDN) e o ministro da Guerra de Vargas, Eurico Gaspar Dutra, do Partido Social Democrático (PSD). Essa movimentação teria tido o apoio dos EUA, presidido por Henry Truman desde 12 de abril de 1945 (BENEVIDES, 1984; HIPÓLITO, 1985; SKIDMORE, 1982).

No período de redemocratização, os interesses dos EUA e do Brasil foram debatidos intensamente, com destaque especial à Constituinte, ocorrida em 1946. A possibilidade de liberar a exploração do petróleo para a iniciativa privada internacional gerou uma campanha de teor nacionalista, intitulada “O Petróleo é Nosso”, que colocou uma empresa estadunidense no centro do debate, a *Standard Oil of New Jersey*. Essa campanha ocorreu entre 1947 e 1948 e contrapôs as teses do general Horta Barbosa e Juarez Távora. Os debates ocorridos no Clube Militar abriram o embate mais amplo sobre qual deveria ser o tipo de exploração do petróleo, nacional ou com participação estrangeira (FURNESS, 2017, p. 166).

Por um lado, o general Juarez Távora e o presidente Eurico Gaspar Dutra defendiam a solidariedade continental, tese que favorecia a possibilidade de participação estadunidense na pesquisa e na exploração do petróleo nacional. O general Horta Barbosa, por sua vez, defendeu a tese de que o Brasil deveria ter uma *estratégia do petróleo*, que seria a continuação

da política do Estado Novo com a criação do Conselho Nacional do Petróleo (CNP) em 1937, reforçando o controle estatal sobre a pesquisa, lavra, refino e distribuição do petróleo nacional, evitando a dependência das grandes multinacionais petrolíferas (FURNESS, 2017, 163).

Os momentos de debate em torno do tipo de exploração do petróleo foram: 1) a permissão para que os empresários brasileiros refinassem o petróleo nacional, em 1945, o que preocupava os nacionalistas pela possibilidade dos empresários estarem envolvidos com empresas multinacionais; 2) a tentativa de inserir na Constituição de 1946 a permissão para que empresas “organizadas no Brasil” explorassem o petróleo, o que abriria uma brecha para que capitais estrangeiros organizados no Brasil atuassem na indústria; 3) a criação de uma comissão pelo presidente Dutra em 1947, para produzir o anteprojeto do petróleo, intencionado a abrir o mercado da pesquisa e da exploração do petróleo por empresas estrangeiras (FURNESS, 2017, p. 203).

A tensão foi tão grande nessa campanha nacional que Dutra, vendo a sua pretensão liberal frustrada, criou a Escola Superior de Guerra (ESG), em 1949, ano do arquivamento do anteprojeto do petróleo. O escopo da criação era formar militares alinhados aos EUA. Mais do que isso, o incômodo que a mobilização nacionalista gerou para as pretensões de abertura da indústria do petróleo foi formalizado na nova escola de formação de militares. Esta, por sua vez, contou com uma inovação do conceito de Doutrina de Segurança Nacional, que passou a identificar o inimigo da nação no interior do país, em agentes considerados perigosos para a nação. Os militares, desse modo, deixariam de ter um papel esporádico para a contenção de crises, passando a se colocar como dirigentes (BORGES, 2010).

Essa mudança deixou disponíveis os elementos que geraram o golpe civil-militar em 1964, que entrelaçou as forças armadas, grupos da sociedade civil e os EUA.

Um estudo sobre as relações entre Brasil e EUA deixam explícitos os motivos das intervenções su-

praticadas. Alberto Moniz Bandeira (2011) trabalhou o conceito de *rivalidade emergente* entre os dois países. A partir desse constructo, o autor indicou a impossibilidade de existir uma convivência harmônica de interesses entre os dois países por questões de modelos de acumulação interna. Por mais que a diplomacia tenha sido utilizada em todos os governos brasileiros e estadunidenses, os dilemas de acumulação dos dois países entraram em conflito, colocando em cena as questões: do câmbio; das moedas depreciadas; dos interesses de substituição de importações; da necessidade de maquinário para a indústria brasileira; do controle sobre matérias primas essenciais ao desenvolvimento industrial, como o petróleo e o aço; das remessas de lucros; dos salários dos trabalhadores e da reforma agrária (BANDEIRA, 2011).

Enquanto para os EUA era vantajoso obter medidas legislativas liberais para o movimento de capital no Brasil, este, por sua vez, via a sua economia ser triturada ao atender as vontades estrangeiras.

Ricardo Bielschowsky (2004) indicou que o debate econômico promovido a partir final da década de 1940, desde os setores liberais até os comunistas, teve como substrato o entendimento de que a economia do Brasil era subdesenvolvida e de que seria necessária a ação do Estado para a promoção do desenvolvimento econômico no país. Desse modo, se tornaram o centro do debate temas como a participação de capitais estrangeiros em empreendimentos como o petróleo; a eletricidade e a siderurgia; o controle sobre as remessas de lucros; o controle cambial; a intervenção do Estado em indústrias de base e serviços a Reforma Agrária, etc. (BIELSCHOWSKY, 2004).

Desse modo, os interesses dos dois países estiveram em constante tensão, haja vista que a contemplação dos anseios econômicos de um imediatamente prejudicaria o outro.

Foi no bojo desse processo que houve uma tentativa de golpe do governo de Getúlio Vargas, em 1954, depois dele sancionar a criação da estatal petrolífera Petróleo Brasileiro S.A. Após o suicídio do presidente, a política ficou estremecida e com várias

intervenções das forças armadas para a manutenção do regime democrático. Ou seja, as contradições imanentes entre dois países com estágios diferentes de acumulação geraram configurações políticas diversas no Brasil, como foi a articulação entre o capital internacional ao capital nacional em associação com as forças armadas, especialmente aquelas formadas pela ESC (BANDEIRA, 2004; DREIFFUS, 1981).

O governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961) tentou responder aos anseios do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do governo estadunidense ao projetar um governo preocupado com a questão fiscal. Nos dois primeiros anos de seu governo, JK tentou manter o equilíbrio fiscal, mas, a partir de 1958 ele deu andamento ao projeto desenvolvimentista, que desequilibrava as contas públicas (SKIDMORE, 1982).

A partir de então, o governo dos EUA passou a efetivar o *Hard Power*, com ameaças de sanções ao Brasil em caso de discordâncias de âmbito econômico. Alexandre Saes e Felipe Loureiro (2012) analisaram o processo em que os EUA chantagearam o Brasil por meio de constrangimentos na balança de pagamentos e da imposição de condições para a tomada de empréstimos para obter resultados favoráveis para uma de suas multinacionais, a American & Foreign Power (AMFORP). Após a encampação da Companhia de Energia Elétrica Rio Grandense (CEERC) por Leonel Brizola, em 1959, a diplomacia estadunidense entrou em ação para pressionar o governo de Goulart (1961-1964) a dar uma solução favorável ao empreendimento empresarial (SAES; LOUREIRO, 2012).

Os interesses do Brasil no setor de energia elétrica estavam debilitados desde o início da 2ª Guerra mundial e a redemocratização gerou a possibilidade de debates públicos sobre a atuação das multinacionais do setor nos estados. A falta de investimentos da AMFORP em suas zonas de concessão e a escolha do direcionamento de recursos para áreas mais rentáveis fez com que boa parte das cidades atendidas pelo empreendimento chegassem a um nível degradante de falta de energia elétrica, racionamentos e *blackouts* (FURNESS, 2022).

A demanda do governo dos EUA era evitar que os estados brasileiros encampassem as subsidiárias da AMFORP sem indenização, e, para isso, ele lançou mão da chantagem. De posse dos documentos do acordo diplomático que definiu os moldes da saída da empresa do país, Saes & Loureiro (2012) indicaram as medidas tomadas pelo governo dos EUA para pressionar o governo brasileiro: 1) a emenda *Hickenlooper*, que previa a proibição de assistência financeira a países que permitissem expropriações sem indenizações e 2) a *Sugar Act*, que previa a redução da importação de açúcar de países que expropriassem empresas estadunidenses sem uma “justa compensação” (SAES; LOUREIRO, 2012).

Conforme os governos estaduais se aparelharam, desde a década de 1950, para suprir as demandas de eletricidade com a criação de autarquias estaduais de produção e distribuição de energia elétrica, foi criado um lastro técnico para confrontar os interesses privados internacionais e as comissões de tombamento haviam encontrado irregularidades e ilegalidades nas contas da AMFORP, justificando encampações sem indenização. Nesse sentido, foram fechadas unanimidades no Rio Grande do Sul e em Pernambuco, que iam desde o campo político até o campo jurídico, com o fito de sobrepor os interesses públicos nacionais àqueles privados internacionais. O esforço dos EUA era inverter o jogo e garantir o investimento da AMFORP por meio do pagamento de indenizações pelos estados, à revelia das conclusões dos tombamentos contábeis realizados pelos poderes públicos brasileiros (FURNESS, 2022).

Durante esse processo, as organizações subterrâneas já previam controlar a política brasileira. Armand Dreiffus (1981) identificou que foi a partir de 1958 que ações secretas foram tomadas pelo governo dos EUA, a partir da criação de instituições de influência pública, como o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) e o Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES), que mobilizaram a esfera pública contra aqueles que foram elencados como inimigos internos, os comunistas. Todos os políticos

que previam um desenvolvimento econômico nacional independente foram enquadrados nesse grupo, mesmo que não fossem. Esse processo de *conquista do estado* por membros das elites econômicas brasileiras em consonância com os EUA e com as forças armadas do Brasil teve o seu desfecho em abril de 1964, e o principal argumento utilizado por esse grupo foi o de evitar um golpe comunista no país, supostamente tramado pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), por João Goulart e o PTB (DREIFFUS, 1981).

A USIA no Brasil: coletando e produzindo informações

Após esse breve levantamento de abordagens dedicadas ao período de 1936 até 1965, marcadas por diversos enfoques e alicerçadas por variadas fontes de informação, é necessário afunilar o estudo para a década de 1950, especialmente de 1953 até 1956. O estudo de Fernando Santomauro (2015) é uma importante contribuição para a compreensão das relações estabelecidas entre o Brasil e os EUA, pois ele indica a construção da imagem de “inimigos nacionais” por meio de publicações produzidas em Nova Iorque e enviadas ao Brasil, para as diversas *United States Information Service (USIS)*, em ações governamentais dos EUA escondidas sob a fachada de associações brasileiras anticomunistas (SANTOMAURO, 2015).

É essencial notar a presença da propaganda estadunidense e as preocupações daquele país com o andamento da opinião brasileira sobre o seu país, sobre a URSS e o direcionamento de pesquisas para grupos considerados críticos, como estudantes; camponeses e trabalhadores, de modo a influenciar a opinião desses grupos por meio de imagens e textos produzidos a partir da coleta de informações. Interessante é o nome desses tipos de pesquisa, chamadas de *Latin Barometers*, ou seja, em sentido figurado, medidores da atmosfera da latina (SANTOMAURO, 2015).

O governo Eisenhower (1953-1961) reorganizou serviços de informação estatais a partir da criação

da *United States Information Agency (USIA)*, órgão vinculado ao Departamento de Estado dos EUA. O Departamento de Pesquisa, o escritório de avaliação e os serviços de mídia atuantes fora dos EUA (*Voice of America* e o *Coordinator of Psychological Intelligence*) foram fundidos, dando corpo ao *Office of Research and Evaluation*, renomeado em 1954 para *Office of Research and Intelligence* e para *Office of Research and Analysis*, em 1959. A ação orquestrada dessas instituições pela USIA visou a utilização de pesquisa de mercado e metodologias das Ciências Sociais para conhecer melhor o público alvo e intervir de maneira mais eficiente na formação da opinião (SANTOMAURO, 2015, p.186-187).

Nos primeiros anos de atuação da USIA no Brasil, o escopo era acompanhar os grupos comunistas e os seus possíveis grupos de influência, os chamados “focos comunistas”, entre “militares, intelectuais, estudantes e trabalhadores das indústrias, nas grandes cidades e nos trabalhadores rurais no campo” (SANTOMAURO, 2015, p. 189).

O ano de 1955 foi marcado por uma “sofisticação de instrumentos de pesquisa nas áreas de informação e estudos psicológicos de outros países”, sendo o papel do posto de pesquisa no Brasil “desenvolver atividades periódicas de pesquisa sobre as bibliotecas, estudos de mídia, produzir publicações sobre a opinião pública, a imprensa e estudos sociais sobre o Brasil, encomendados ou não pela USIA”. Além da pesquisa e da produção de materiais, foram citados em documentos secretos da USIA o uso de “táticas não convencionais” de inserção em movimentos políticos e os “barômetros”, “iniciativa mundial da USIA para medir as opiniões políticas das diversas regiões em relação aos EUA e temas correlatos” (SANTOMAURO, 2015, p. 190).

Foram contratados institutos nacionais para efetuar pesquisas, como o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística e o Instituto de Pesquisa de Opinião e Mercado, ambos do Rio de Janeiro, assim como a Escola Livre de Sociologia, de São Paulo. Nessas pesquisas foram avaliadas as participações comunistas em movimentos políticos, como foi a

campanha “O Petróleo é Nosso”. Patrocinadores secretos, como a *Standard Oil*, enviaram recursos para a USIA para pesquisar a opinião da população sobre a exploração privada do petróleo, além de medir a expectativa das audiências de rádio por meio de programas produzidos pela agência, como foram: “Você se lembra”; “Hit Parade”; “Clube do Disco”; “Vencedores da Vida” e “Comentários de Al Neto” (SANTOMAURO, 2015, p. 191-192).

Gradativamente a USIA foi criando instrumentos “aparentemente privados para distanciar suas atividades de inteligência que alimentavam as decisões estratégicas da política externa americana”, o que foi percebido por revistas tidas como “comunistas”, a exemplo da revista “Novos Rumos”, que indicou a existência de empresas que seriam “fantasmas da embaixada americana”, como a *Promotion; a Market Planning* (Marplan); o IPOM (ligada ao International Researches Associates e ao Instituto de Estudos Sociais e Econômicos). Entretanto, o agente estadunidense citado na revista foi a embaixada, e não a USIA. A ligação dessas empresas com a agência foi confirmada pelo autor, que teve acesso aos documentos secretos localizados no *National Archives and Records Administration* (NARA) (SANTOMAURO, 2015, p. 193; 201-202).

Os grupos que mais preocupavam a USIA eram os estudantes, os camponeses e os trabalhadores. Esses estudos formavam o substrato para a definição de estratégias para a intervenção no debate público. Os estudantes brasileiros teriam, segundo um estudo encomendado pelo pesquisador Bryant Wedge, em 1961, uma visão “idealista e descolada da realidade”. Santomauro (2015) citou comentários informais de Wedge, localizados nos arquivos da USIA, em que o pesquisador considerou serem os estudantes brasileiros: “Marx puro! Mas não por causa da propaganda: Eu acho que essa visão seria inventada aqui mesmo se Marx nunca tivesse existido, se encaixa na mentalidade local e na sociedade mais precisamente”. Desse modo, as relações entre os estudantes brasileiros com os EUA seriam problemáticas (SANTOMAURO, 2015, p. 209).



Figura 1: Comunismo é assim! Fonte: SANTOMAURO, 2015, p. 251.

Além de “mapear” os “humores e opiniões políticas” periodicamente no Brasil, a USIA também pretendia “moldar” a opinião pública do país, trabalhando para dialogar e influenciar, de toda maneira, os principais meios de comunicação do país. Para tanto, utilizou de maneira prioritária os jornais e revistas de maior circulação. A USIA “mapeava e mobilizava editores e jornalistas, produzia notícias locais em seus centros, transmitia notícia e fotos e as disponibilizava por meio de sua agência de notícias” (SANTOMAURO, 2015, p. 224-225).

A agência ainda escrevia artigos apócrifos ou com nomes fictícios, pois sem mostrar a sua origem tinha maior credibilidade junto ao público nacional. Além disso, ganhava adesão gratuita e voluntária de jornais importantes tidos como “pró-americanos” (SANTOMAURO, 2015, p. 225).

Antes mesmo da criação da USIA por Eisenhower, no Governo Truman existiu um esforço de



Figura 2: Comunismo. Fonte: SANTOMAURO, 2015, p. 254.

publicar informações estadunidenses em jornais brasileiros, com fotos, artigos e quadrinhos pró-EUA, como os suplementos *Death comes from the Kremlin* e *One who survived* e os quadrinhos *Free World Speaks*. A inserção dessas séries foi feita em jornais como *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *Última Hora*, além da revista “Em Marcha”, inspirada na antecessora, “Em Guarda”, do “birô” de Rockefeller (SANTOMAURO, 2015, p. 225).

Os jornais de Assis Chateaubriand eram considerados “naturalmente” favoráveis aos EUA e era o próprio grupo que buscava diálogo para a publicação dos produtos da agência. Os jornais *O Estado*, *O Globo* e *O Jornal* eram tidos como “responsáveis” pela publicação da opinião da USIA no Brasil. No jornal *Folha de São Paulo* foi publicada, em 1956, uma série intitulada *Atoms for Peace*, elogiosa ao uso pacífico da energia atômica, enquanto em *O Globo* foi publicada a série

A morte vem de Moscou, alertando para os riscos do comunismo (SANTOMAURO, 2015, p. 231-232).

O autor descobriu nos arquivos da USIA que a agência produzia materiais e enviava para os jornais e revistas brasileiros sem assinar ou se identificar. Segundo Santomauro (2015), “o anonimato era uma das condições para o uso das notícias e materiais distribuídos pela USIA”, o que foi explicitado pelo diretor da agência em 1954, quando, em documento interno, reconheceu que se os “leitores dos jornais que publicam esses quadrinhos soubessem que eles foram produzidos para nossos propósitos, os jornais talvez não os utilizassem mais” (SANTOMAURO, 2015, p. 240-241).

Apesar das dificuldades logísticas para a disseminação das mensagens da USIA no Brasil, a sua distribuição se mostrou eficiente, o que contou com o auxílio dos “aliados de peso para difundir notícias”, como foi o caso de Assis Chateaubriand e de “jornalistas declaradamente pró-americanos, como Carlos Lacerda, Pereira Carneiro e Paulo Bittencourt”. Além desses, também auxiliou esse esforço a Agência Nacional, que usava pseudônimos para plantar matérias em jornais de grande circulação (SANTOMAURO, 2015, p. 241).

Por fim, os grupos “prioritários”, aqueles considerados como “grupos emergentes e potenciais transformadores da ordem vigente” receberam atenção da USIA nas décadas de 1950 e 1960. Os estudantes eram os “alvos por excelência das políticas da agência”, seguidos pelos trabalhadores da cidade e trabalhadores do campo (SANTOMAURO, 2015, p. 250).

Para o escopo desse artigo, é importante destacar o tipo de material que foi produzido pela USIA para os trabalhadores do campo e da cidade, o que envolveu o uso de imagens. Na compreensão da USIA, os trabalhadores seriam um grupo alvo para o “esforço comunista soviético, auxiliado e incitado pelos agentes do peronismo, ambos com o apoio substancial do Partido Trabalhista Brasileiro” (SANTOMAURO, 2015, p. 250).

Por meio de organizações da Igreja Católica, de organizações sindicais americanas internacionais, etc., foram divulgados os materiais, difundidos da

USIA para as USIS e dali para os jornais, revistas e panfletos. Com a aparência de grupos eminentemente nacionais, a agência produziu imagens que foram assinadas pelos seguintes grupos: Lei e polícia: serviço de contrapropaganda; Cruzada Brasileira Anticomunista e Associação Democrática Cristã. Também foram publicadas matérias sem assinatura, como a série “Zé Curioso” e “Comunistas contra o proletariado” (SANTOMAURO, 2015, p. 251-266).

Nessas imagens, com pouco ancoramento textual, os comunistas são apresentados como impiedosos, como na figura 1, em que uma mão armada aponta para um rosto rendido. O estresse muscular do agressor e a firmeza da mão dão a ideia de um inimigo impiedoso e impetuoso.

Na figura 2, aparece a imagem de um homem preparado para esfaquear alguém, em posição ameaçadora e com uma feição facial agressiva. A barba mal feita e uma garrafa no bolso dão a impressão de desleixo e indisciplina.

A intenção das imagens é gerar temor no leitor e o uso de imagens caricatas de armas e bandidos se sobressai ao texto enxuto, com poucas palavras: “O Comunismo é isso!” (violento) ou “traição, ódio e sangue”. Esses elementos exprimem uma agressão naturalizada, pronta a agir contra qualquer pessoa que quisesse exprimir uma opinião ou que se colocasse em contato com um desses indivíduos. A imagem cria temor e aponta para a solução: “Lei e polícia” (SANTOMAURO, 2015, p. 254).

As imagens encontradas por Santomauro (2015) nos documentos da USIA foram direcionadas para as usis no Brasil e distribuídas em jornais, revistas e suplementos de jornais. A usis presente no estado do Espírito Santo era municiada pela usis do Rio de Janeiro e, na próxima seção, vamos identificar a sua ação em um jornal de grande circulação à época em terras capixabas: A Gazeta.

Construindo a imagem do inimigo em A Gazeta

Em Vitória, capital do Espírito Santo, os principais jornais circulantes eram A Tribuna, propriedade de Elosippo Cunha (PR) e Fernando Duarte Rabelo (PDC), chefiada pelo colunista Eurico Rezende (UDN); A Gazeta, propriedade de Carlos Lindenberg e comandada por José Olympio; o Folha do Povo, propriedade da Empresa Gráfica e Publicitária “Folha do Povo”, dirigido por José Rodrigues Sette e com Alvinho Gatti como redator, e o Folha Capixaba, jornal comunista dirigido por Hermógenes Lima Fonseca (FURNESS, 2017; CARDOSO, 2018).

Em 1953, desse modo, a política dominante capixaba estava representada nos jornais Folha do Povo e A Gazeta, em apoio ao governo Jones dos Santos Neves (PSD) e, por outro, por A Tribuna, representante da oposição.

O jornal de Carlos Lindenberg publicou o suplemento Singra em 1955 e 1956, onde foram encontradas imagens da USIA assinadas pela Cruzada Brasileira Anticomunista. Interessante é notar que a liderança regional era preocupada em manter o controle e a “ordem” em sua região, com posição marcadamente anticomunista. Alguns relatos e documentos dão conta de indicar essa postura, bem diferente do livro biográfico produzido por Amylton de Almeida, intitulado *Carlos Lindenberg: um estadista e seu tempo*. Nesse livro, o autor apresentou o político como um sujeito “boa praça” (ALMEIDA, 2010). Entretanto, em diversos momentos ele adotou uma postura persecutória com relação aos seus adversários e inimigos.

Na campanha o “Petróleo é Nosso”, em 1948, Lindenberg escreveu em A Gazeta, em discussão com o então senador da República, Mathias Coutinho, que teria acusado o governador de perseguir um dos palestrantes do Centro de Defesa do Petróleo e Economia Nacional, Antônio Rodrigues Coutinho, enviando ordem para que este prestasse esclarecimentos na polícia e boicotando o acontecimento da palestra nacionalista (FURNESS, 2017, p. 196-198).

Em entrevista realizada com a liderança comunista, Antônio Ribeiro Granja, foi descrito um acontecimento envolvendo Carlos Lindenberg. Este teria comparecido em Cariacica para a comemoração do dia do município junto com uma comitiva de carros e de pessoas bem vestidas. Este teria subido no palanque e defendido que o seu governo havia realizado o feito de construção da represa das Duas Bocas, o que teria beneficiado Cariacica. Granja, por sua vez, subiu ao palco após o ex-governador e desmentiu o fato, jogando para a multidão a pergunta: “Chegou alguma perna d’água para algum de vocês”, recebendo gritos de “Não! Aqui não!”. Então, Lindenberg subiu ao palco e convidou os presentes a se retirarem, como segue na descrição de Granja: “Ele meteu o peito no meu ombro assim e disse: ‘Senhoras e senhores, peço que todo mundo vá embora para as suas casas, porque nós viemos aqui festejar o dia de Cariacica e não ouvir desaforo de comunista’”. “Aí rapaz, um corre, corre [...]. Aquelas mulheres de sapato alto correndo para pegar o carro. Aí o palanque, [antes] todo mundo querendo ir para o palanque, e depois [risos], todo mundo querendo descer” (GRANJA, 2017).

Hermógenes Lima Fonseca, ao falar na Câmara de Vereadores de Vitória, confrontou o governador. O edil comunista, ao criticar o poderio da empresa multinacional AMFORP, indicou que ela contava com privilégios do Estado capixaba, não sendo fiscalizada e, por isso, mantinha os serviços de eletricidade da ci-

dade em condições precárias, não cumprindo o contrato. Emendou a fala dizendo que Carlos Lindenberg poderia mandar chamar a polícia para prendê-lo novamente, pois ele continuaria lançando boletins acusando o roubo efetuado pela Companhia Central Brasileira de Força Elétrica (C.C.B.F.E.), o que seria feito com a “complacência do Sr. Governador” (FURNESS, 2022, p. 260).

Desse modo, o político capixaba tinha uma postura de controle sobre os temas que circulavam no Espírito Santo, perseguindo aqueles que tentavam debater assuntos com amplitude ideológica, com um apego especial aos comunistas ou a movimentos nacionalistas, como foi o caso da campanha “O Petróleo é Nosso” (FURNESS, 2017).

Ainda sobre o assunto da energia elétrica, foi possível notar o grande apego que Lindenberg tinha ao que ele chamava de “manutenção da ordem” e a preocupação que tinha com “agitações” políticas. Em



Figura 3: Um policial que dorme. Fonte: SINGRA, 1954, p. 4.

1960, data em que ele governava o Espírito Santo, em seu segundo mandato, ocorreu uma campanha de protesto contra a C.C.B.F.E., iniciada em Cachoeiro de Itapemirim, cidade que também era atendida pela concessionária estrangeira. Foi a campanha *Não pague a sua conta*. Em carta enviada ao líder do movimento, Roberto Vivácqua, Lindenberg sugeriu cuidado com o momento pelo qual o país passava, que era de “agitações”, pedindo que o amigo pesasse bem as “responsabilidades” que ele estava assumindo (FURNES, 2022, p. 411-412).

Essas breves considerações indicam que A Gazeta, meio de comunicação vinculado às opiniões de seu proprietário, Carlos Lindenberg, publicou no suplemento Singra a propaganda anticomunista produzida pela USIA. O seu apoio explícito à uma empresa multinacional estadunidense somada ao seu combate ao nacionalismo em torno do petróleo e a sua perseguição aos comunistas presentes no Espírito Santo indicam que A Gazeta “naturalmente” se tornou um “colaborador espontâneo” da USIA no Espírito Santo (FURNES, 2017; 2022).

Foram encontradas 24 imagens de 24 de julho de 1955 até 17 de maio de 1956, o que não exclui a possibilidade de mais imagens terem sido publicadas e simplesmente não estarem presentes nas coleções de A Gazeta, disponíveis no Arquivo Público do Estado do Espírito Santo e na Biblioteca Pública Estadual. No jornal do Povo, de São Luís do Maranhão, o suplemento Singra também foi publicado. Todos os números de 1954 e o primeiro de 1955 indicam que as imagens da USIA já estavam sendo publicadas desde 31 de dezembro de 1954 (Figura 3), meses antes do primeiro registro em A Gazeta, em Vitória, ES (SINGRA, 1954, p. 5).

Assinada pela Cruzada Brasileira Anticomunista, uma das imagens produzidas pela USIA divulgou uma propaganda anunciando um “Congresso Contra a Intervenção soviética na América Latina”. Na figura 4 foram representadas as Américas do Sul e Central, com limite no México, excluindo a América do Norte e os EUA. Cruzando o Atlântico, a imagem de uma

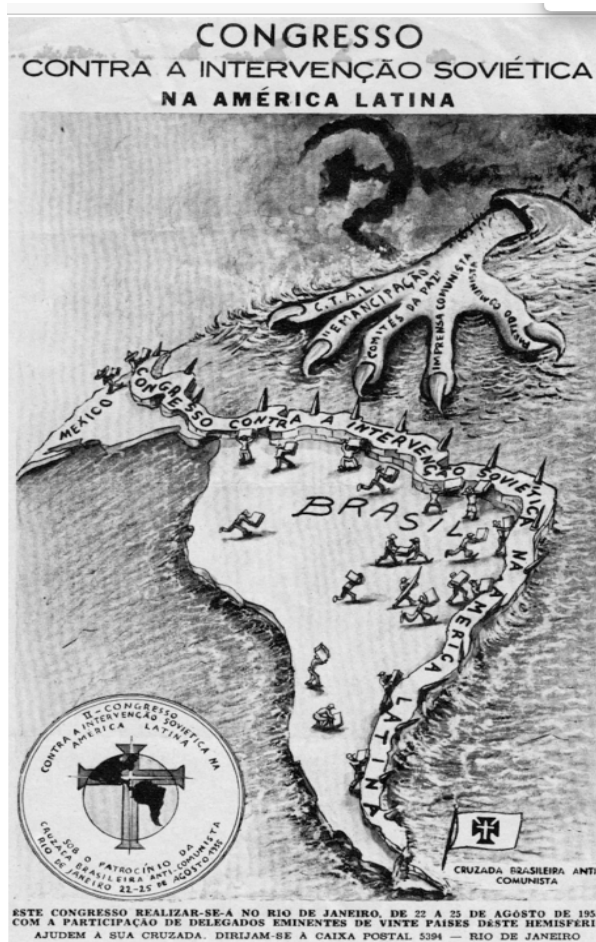


Figura 4: Congresso contra a intervenção. Fonte: Singra, 1955, p. 3.

mão aterrorizante, com garras afiadas, avança sobre o Brasil e o México. Acima da imagem, uma fumaça negra paira sobre a mão, com o desenho da foice e do martelo, o símbolo do comunismo. Nos dedos da mão, frases indicam o que seria o inimigo comunista, como: “partido comunista”; “emancipação”; “comitês de paz”; “imprensa comunista”. Contra a mão de feições demoníacas, uma barreira seria feita de dentro do continente, no quais pessoas ajudariam a erguê-la e a fortificá-la (SINGRA, 1955, p. 13).

Nesse sentido, o comunismo foi apresentado com feições demoníacas, próprias da cosmogonia cristã, combatido por nativos brasileiros, ativos na luta anticomunista. Vale destacar que as imagens produzidas pela USIA atacavam assuntos pontuais,

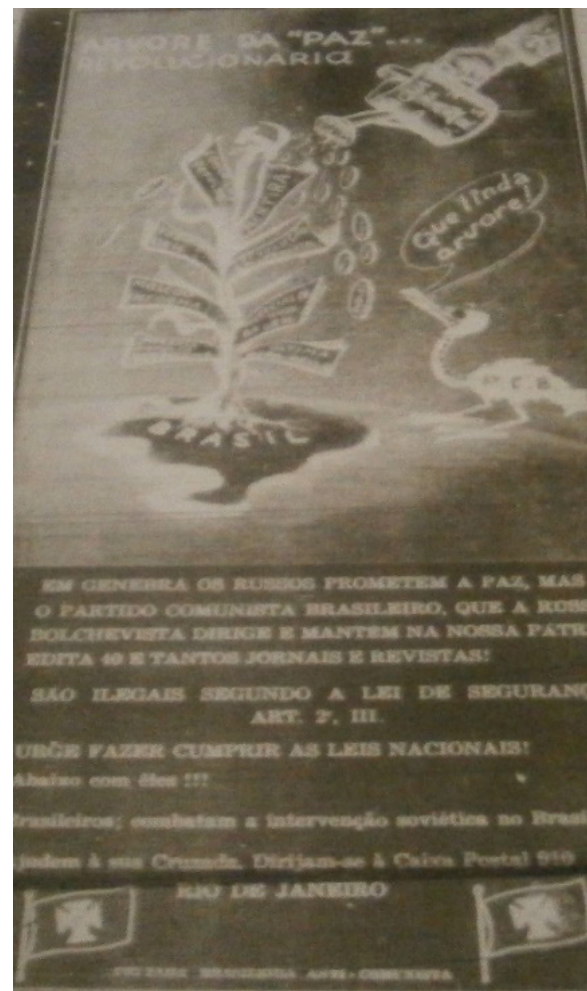


Figura 5: Árvore da paz revolucionária. Fonte: SINGRA, 1954, p. 4.

como: a Campanha da Paz, de origem soviética, que defendia, por sua vez, o desestímulo à produção de armas nucleares; o judiciário brasileiro, que estaria sendo destruído por comunistas; a imprensa, que seria povoada por comunistas; artistas declaradamente comunistas, como Jorge Amado; líderes comunistas do Brasil, como Luiz Carlos Prestes, assim como a narrativa comunista sobre a paz ou eventos imediatos.

Em uma convenção de imagem própria dos *Cartoons Políticos*, a USIA produziu imagens de fácil assimilação visual, com traços ligados ao cristianismo, os quais eram usados para contrapor o bem e o mal,

no caso, o comunismo contra o Brasil, em uma simplificação da realidade. Os *cartoons* tinham o objetivo didático de narrar situações e eventos com imagens acompanhadas por palavras ou pequenas frases, que teriam o papel de ancorar o sentido das imagens, já bem caricaturadas. A intenção era facilitar a leitura da imagem, assim como a tomada de posição frente a um tema político por parte dos espectadores (FURNES, 2022, p. 87-88).

A análise da imagem proposta por Peter Burke (2004) destaca a importância da imagem como uma “evidência histórica”, passível de crítica. Desse modo, a imagem não deve ser vista apenas como um exemplo visual, mas como um “testemunho ocular a História”, ou seja, um registro passível de crítica para o leitor que olha do presente para o passado, por meio do registro das experiências de outrem. A atenção aos traços iconográficos, presentes na imagem e comunicadoras de noções, valores e crenças permite analisar como a estratégia utilizada pelo produtor da imagem para efetuar a sua propaganda, alcançando o esforço ativo da produção da imagem em captar elementos culturais de uma sociedade ou de um grupo para gerar neles amor, ódio, terror, simpatia.

A imagem, cristalizada, se apresenta como imparcial, excluindo de cena o seu produtor, e, nesse caso, a ação da USIA representa esse fator da maneira mais explícita: o produtor da mensagem se escondeu para ter credibilidade, afinal, a sua narrativa é totalmente parcial e pretendeu elencar “inimigos” e “amigos”, respectivamente, “comunistas” e “patriotas”. Os inimigos, então, ganharam traços demoníacos, agressivos, envolventes e impetuosos. O próprio nome “Cruzadas” pode ter sido uma forma de invocar a luta dos cristãos contra os islâmicos, chamados de “infiéis” pelos cristãos do medievo. No caso, os brasileiros estariam lutando contra os infiéis do Oriente?

Em menção ao termo emancipação utilizado na URSS, uma das publicações da USIA, assinada pela C.B.A.C., indicava o que seria a democracia popular da URSS, chamada de “Penocracia”. Do alto de uma torre, personagens da burocracia soviética foram



Figura 6: Paz comunista? Fonte: SINGRA, 1955, p. 12.

retratados empurrando, em um “efeito dominó”, de cima para baixo seus adversários internos, e, na base da torre, uma pilha de ossos e caveiras compõe o que seria a sedimentação da hierarquia da URSS. A propaganda estava direcionada para a autocrítica que o regime fez após a morte de Stalin, com Krushev no poder, que foi apresentada como falsa, ou seja, a URSS continuaria sendo uma ameaça (SINGRA, 1955, p. 16).

O P.C.B. quase sempre era retratado como uma ave com o pescoço longo e olhos esbugalhados, apresentada como um ser tosco, ingênuo e sempre adorando os gestos soviéticos. Aparentemente, essa imagem era uma distorção proposital da pomba da paz, feita pela USIA para mostrar os comunistas brasileiros como uma ave aberrante (Figura 5).

Na figura 5 foi apresentada a “Árvore da ‘paz revolucionária’, alimentada pela ‘água da paz da URSS’”. Na árvore estavam crescendo folhas, em forma de jornais, cujos escritos de cada “folha” indicavam as qualidades atribuídas ao regime soviético, dentre as quais a “mentira”. A Ave assombrosa que representava o P.C.B. exclamava na imagem: “Que linda árvore!” (SINGRA, 1955, p. 14).

Na figura 6, os comunistas são retratados na Cortina de Ferro, e a referência à Conferência de Genebra indica a total descrença de que o regime soviético estaria pronto a colaborar para a paz na Guerra Fria. Nikita Khrushchov, Primeiro secretário do Partido Comunista, foi retratado acima da Cortina de Ferro, se apresentando ao Ocidente com a pretensão de paz. Com outra bandeira, do seu lado, um aviso à uma legião extremamente

armada para estarem prontos para atacarem os “estúpidos” ocidentais. Os soviéticos eram apresentados sempre com intenções não declaradas, escondidas por promessas falsas. Curioso notar que do lado Ocidental foram apresentadas ocas de indígenas dos EUA e um canhão em contraposição ao poderio militar soviético, como se houvesse um desequilíbrio negativo para o Ocidente em termos militares.

Na figura 7, os trabalhadores do Brasil foram interpelados a tomar cuidado com a sabotagem e a representação dessa afirmação foi a de engrenagens comuns, redondas, sendo atrapalhadas por uma quadrada, com o símbolo da URSS. O trabalhador militante do P.C.B. estaria, segundo a propaganda, parando o mecanismo econômico do Brasil, sabotando a “paz”, a “honestidade” e a “decência”, assim como a ordem e o patriotismo dos trabalhadores (SINGRA, 1955, p. 14).

Para conter essa rede de comando da URSS para os comunistas brasileiros, apresentados como inimigos da pátria, os anúncios da USIA apresentavam a solução: a perseguição dos comunistas, que, colocados na ilegalidade em 1948, estariam publicando jornais

de maneira ilegal. A propaganda estadunidense exclamava nas imagens assinadas pela C.B.A.C. para que a mídia comunista fosse fechada (SINGRA, 1956, p. 14).

Essa simplificação do inimigo, elencado pelos EUA, foi efetuada de modo semelhante àquele indicado por Jean Marie Domenach (2001), no qual a propaganda funcionaria para desfazer as diferenças entre os adversários, criando caricaturas para facilitar a identificação do alvo a ser considerado “inimigo”. Isso é perceptível nos indivíduos elencados enquanto comunistas, como membros da imprensa, do Supremo Tribunal Federal, artistas, políticos e, finalmente, membros do Partido Comunista Brasileiro. Qualquer um que colocasse empecilho aos EUA ou que fosse considerado pusilânime contra os comunistas seriam, desse modo, comunistas ou colaboradores.

Conclusão

Jean Delumeau (2009) fez um importante estudo sobre as características do medo no Ocidente, especificando a angústia e o medo em um plano amplo, que é o da estrutura mental. A falta de uma definição sobre as causas de uma angústia, assim como em um organismo individual, causaria danos gravíssimos à *psique coletiva*, que, constantemente colocada em confronto com o desconhecido, caminharia para um estado de anomia. O medo, por sua vez, daria aspectos físicos à angústia, gerando um alvo para o ódio e para a revolta, e, desse modo, ativaria os mecanismos de sobrevivência, portanto, de combate. Assim, elencar um inimigo foi uma estratégia dos EUA para direcionar um alvo, se desviando da crítica. Os EUA criaram uma narrativa, ativada em vários lugares do mundo, para direcionar os países de suas zonas de influência contra o “inimigo”, o comunismo, sendo os estadunidenses, automaticamente, elencados como os amigos.

Para viabilizar essa narrativa, a estratégia da USIA captou aspectos amplos da cultura brasileira, como o apego religioso católico para criar imagens

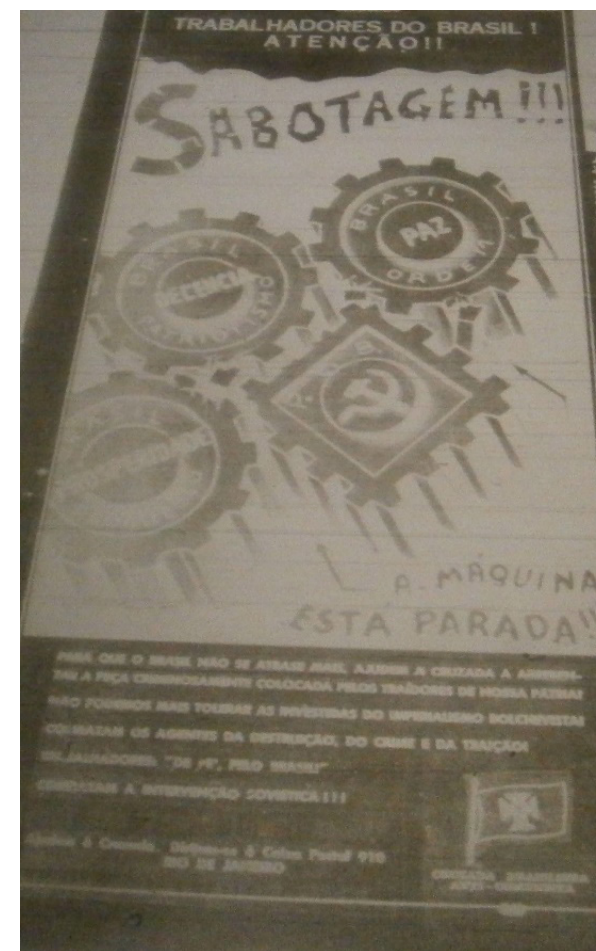


Figura 7: Sabotagem!!! Fonte: SINGRA, 1955, p. 14.

do “inimigo”, que foi assemelhado às imagens do demônio presente no cristianismo ou como monstros impetuosos e assassinos. No Espírito Santo, um estado da região sudeste do Brasil, A Gazeta publicou a propaganda produzida nos EUA. Essa foi enviada para a USIS do Rio de Janeiro e repassada à USIS do Espírito Santo, fazendo coro ao surto anticomunista que deu novos contornos à mentalidade obsidional estadunidense, que, gradativamente, gerou uma maior intervenção política estadunidense no Brasil, com atividades secretas e articulações com setores conservadores da sociedade brasileira.

O medo em sociedades humanas, segundo Delumeau, gera anomalias não encontradas no reino animal, pois, alimentado por medos “irrefletidos” e

amparados na imaginação, ele é construído historicamente, mudando no decorrer do tempo e com as intervenções do homem. Desse modo, a intervenção dos EUA para manter a sua hegemonia político-econômico-militar na Guerra Fria contou com a propaganda produzida pela USIA, e a produção intencional dessas mensagens para o Brasil alimentou o medo dos brasileiros entre si, com alegados inimigos internos, gerando um estado em que a imaginação foi alimentada e deu corpo à perseguição interna, algo iniciado desde a redemocratização do Brasil.

Em 1964, o golpe civil-militar foi apoiado contra os “inimigos”, no caso, o presidente João Goulart, então chamado de comunista. A ameaça do país se tornar uma ditadura comunista por meio de um golpe foi o argumento utilizado para a implantação de um regime político autoritário, e os EUA apoiaram essa trama com armas, mas, mais do que isso, com a intervenção na construção da imagem de um inimigo para o Brasil, o que gerou a ideia de que os inimigos dos interesses dos EUA seriam os inimigos do Brasil, algo produzido secretamente no passado e naturalizado no tempo presente.

Referências Bibliográficas

Entrevistas

GRANJA, Antônio Ribeiro [104 anos]. [jul. 2017] Entrevistador: Douglas Edward Furness Grandson. 2017. Serra, 19 jul. 2017.

Livros

ALMEIDA, Amylton de. **Carlos Lindenberg**: um estadista e seu tempo. Ed. Organizada, apresentada e anotada por Estilague Ferreira dos Santos, Fernando Achiamé. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2010.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Brasil-Estados Unidos**: A Rivalidade Emergente. (1950-1988). 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

BENEVIDES, Maria Victória Mesquita Benevides. **A UDN e o ude-nismo**: Ambiguidades do liberalismo brasileiro. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

BERRYMAN, Clifford. Representing Congress: Clifford K. Berryman's Political Cartoons. **National Archives**, Wahington, s/d. Disponível em: Acesso em: 28 dez. 2021.

America and the World Foreign Affairs in political cartoons, 1898-1940. **National Archives**, Wahington, s/d. Disponível em:

Acesso em: 28 dez. 2021.

BERRYMAN, Clifford; BERRYMAN, Jim. A Visual History. 1940-1963: Political Cartoons by Clifford Berryman and Jim Berryman. **National Archives**, Wahington, s/d. Disponível em: Acesso em: 28 dez. 2021.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. **História do Pensamento econômico brasileiro**. 1930–1964. São Paulo: Ática, 2004.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: História e imagem. Bauru: Edusc, 2004.

COHN, Gabriel. **Petróleo e Nacionalismo**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968.

DOMENACH, Jean-Marie. **A propaganda política**. Tradução de Riddendo Castigat Moraes. E-books Brasil, 2001.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente**. 1300-1800. Uma cidade sitiada. Tradução: Maria Lúcia Machado; tradução de notas Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DREIFUSS, René Armand. **1964 – A conquista do Estado**: ação política, poder e golpe de classe. Petrópolis (RJ): Vozes, 1981.

HIPPÓLITO, Lúcia. **PSD de raposas e reformistas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

LOCHERY, Neil. **Brasil**: Os frutos da guerra. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

NYE, Joseph S. Jr. Soft Power. **The means to success in world politics**. Nova Iorque: Public Affairs, 2004.

PEREIRA, André Ricardo Valle Vasco. **Teoria e Metodologia em História**: o tratamento das fontes. Espírito Santo: Ufes, 2015.

RIBEIRO, Jayme Fernandes. Combatentes da paz. **Os comunistas brasileiros e as campanhas pacifistas dos anos 1950**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

SANTOMAURO, Fernando. **A atuação política da Agência de Informação dos Estados Unidos no Brasil (1953-1964)** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: De Getúlio a Castelo**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

TOTA, Antônio Pedro. **Imperialismo sedutor**. Americanização do Brasil da época da 2ª Guerra Mundial. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Teses e dissertações

CARDOSO, Lucian Rodrigues. **O paradoxo de uma existência**: A trajetória do Partido Trabalhista Brasileira no Espírito Santo (1945-1964). 2018. 381 f. Dissertação (Mestrado em História Social das Relações Políticas) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

FURNESS, Douglas Edward Grandson. **A História nas pegadas do “Seu” Kilowatt**: as relações entre Brasil e EUA por meio da AMFORP (1936-1965). 2022. 554 f. Tese (Doutorado em História Social das Relações Políticas) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022.

_____. **Os trustes no “curral” dos coronéis**. Indústrias de bases e serviços no debate capixaba de 1940. 2017. 221 f. Dissertação (Mestrado em História Social das Relações Políticas) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

Artigos

BORGES, Nilson. A doutrina de Segurança Nacional e os governos militares. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil republicano**. O tempo da ditadura: Regime militar e movimentos sociais em fins do século XIX.

SAES, Alexandre Macchione; LOUREIRO, Felipe Pereira. From Foreign to state investment in the Brazilian electric Power sector: the expropriation of the American Foreign and Power (1959-1965). **Working papers**, department of economics, São Paulo, ago. 2012.

Fontes históricas

SINGRA. Congresso contra a intervenção soviética. A Gazeta, Vitória, 22 ago. 1955, p. 15. Propaganda assinada pela Cruzada Brasileira Anti-Comunista.

SINGRA. Emancipação do governo da URSS. A Gazeta, Vitória, 24 jul. 1955, p. 16. Propaganda assinada pela Cruzada Brasileira Anti-Comunista.

SINGRA. Cortina de ferro. A Gazeta, Vitória, 04 set. 1955, p. 12. Propaganda assinada pela Cruzada Brasileira Anti-Comunista.

SINGRA. Árvore da paz revolucionária. A Gazeta, Vitória, 30 out. 1955, p. 14. Propaganda assinada pela Cruzada Brasileira Anti-Comunista.

SINGRA. Trabalhadores do Brasil! Atenção! Sabotagem!!! A Gazeta, Vitória, 06 nov. 1955, p. 14. Propaganda assinada pela Cruzada Brasileira Anti-Comunista.

SINGRA. Segundo a propaganda bolchevista. A Gazeta, Vitória, 19 fev. 1956, p. 14. Propaganda assinada pela Cruzada Brasileira Anti-Comunista.

SINGRA. Um policial que dorme. Folha do Povo, São Luís do Maranhão, 31 dez. 1954, p. 5. Propaganda assinada pela Cruzada Brasileira Anti-Comunista.

